

História da União Soviética: uma introdução

LINCOLN SECCO

São Paulo: Editora Maria Antônia, 2020. 159p.

*Jair Diniz Miguel**

A história da Revolução Russa e da União Soviética (URSS) está envolta nas brumas das disputas ideológicas de todos os quadrantes políticos existentes hoje em dia. Esse marco sempre é lembrado quando se apresenta uma publicação nova ao público. Cada palavra será disputada em todos os ângulos imagináveis ou não. Mas por que começar uma resenha com essa lembrança um pouco assustadora?

O livro de Lincoln Secco é daqueles que não se permitem uma aproximação superficial, e, apesar de se apresentar como uma introdução, na realidade funciona como um elaborado mapa de tempos e conceitos para a inserção no mundo da URSS. O texto dialoga com o leitor naquilo que é mais importante; no entanto, as ideias não são tão simples e a narrativa dos eventos não é linear. Não obstante, o texto convida ao passeio e, por que não, a experimentar esse assombroso evento monumental da história, que percorre todo o século XX. Sem dúvida, nenhum fato histórico do século XX deixa de estar conectado com a URSS (prefiro os acrônimos, tão caros à política e à realidade soviética).

Secco se empenha em partir das jornadas de fevereiro de 1917 construindo uma narrativa histórica estruturada e ancorada nos textos reconhecidos e disponíveis para o leitor de todos os matizes. No entanto, deixa claro que tem uma bússola e que não sustenta pretensões diletantes na construção dos eventos históricos.

* Doutor em História Social da Cultura e Arte (USP). E-mail: jairediniz@gmail.com

Engloba a política e a economia de forma organizada, vê corretamente a dificuldade de falar sobre tantos momentos e, ao colocar a fórmula “Uma unidade de fenômenos opostos” (p.13), consegue evitar a armadilha de fracionar 1917 em partes diferenciadas.

O texto continua avançando sobre os anos de construção de um novo Estado, uma nova economia, uma nova sociedade e, dentro das aspirações um tanto messiânicas e místicas da *intelligentsia* russa pré e pós-revolução, uma nova vida e um novo ser humano. Secco pincela esse momento de forma a deixar pontas para que o leitor busque por si mesmo mais informações e narrativas. A cultura e as artes dos anos 1910 até o início dos 1930 ultrapassam variados limites dentro da sociedade em ebulição. Talvez poucas vezes se tentou fundir os espaços da arte com a vida quanto nesse período. Ao mesmo tempo, era uma sociedade vencendo o analfabetismo e buscando a reconstrução econômica no espaço de anos e não décadas.

O diálogo que Secco mantém entre a história da URSS e sua projeção na história mundial demonstra também o caráter universal da revolução, mesmo que se possa questionar: como um Estado nacional (URSS) tinha vocação para elaborar uma revolução mundial e não simplesmente utilizar esses mecanismos para um imperialismo vermelho (nesse caso político)? Essa é uma pergunta capciosa que o texto enfrenta ao mostrar diversas fases do internacionalismo, desde Lênin até as transformações do Leste Europeu em 1989. É importante notar que os tratados que definiram os espaços (fronteiras e influências) ao redor da URSS vieram diretamente de duas guerras mundiais e de uma guerra civil longa e sangrenta dentro do antigo espaço imperial russo. Os revolucionários e, posteriormente, os líderes do país influenciaram tanto os organismos quanto as lideranças dos partidos comunistas pelo mundo.

As quantificações trazidas por Secco a respeito do peso dos partidos comunistas pelo mundo tornam evidente que aquela perspectiva do perigo vermelho não passa de uma falácia de propaganda política. Segundo os dados, seriam 1.200.000 aderentes à Internacional Comunista em 1939 (p.78) – um número importante, mas aquém de um “rolo compressor vermelho”. Mesmo após a vitória soviética na Segunda Guerra os números se expandiram, mas continuaram modestos. As sociedades latino-americanas, asiáticas e africanas experimentaram a presença dos comunistas em seus espectros políticos, porém, dentro do contexto da Guerra Fria, isso se traduziu em perseguições, prisões e muitos reveses.

O Leste Europeu experimentou transformações políticas e econômicas difíceis de serem organizadas. O texto trata da passagem de sociedades de baixa industrialização e ruralizadas para países industrializados e urbanos – sem dúvida um choque, com a presença direta soviética (o caso da Iugoslávia) ou sem ela (Albânia). A planificação e políticas econômicas vindas da URSS não tinham espelho direto na realidade desses países, a adesão ideológica e o alinhamento automático a Moscou também não ajudaram. Secco trata toda essa dificuldade

com polidez, evitando generalizações tão em voga hoje. Nosso olhar retrospectivo delinea narrativas já fechadas, mas em 1956 ou 1968 as escolhas foram muito mais difíceis e traumáticas para todo o bloco socialista e os comunistas ao redor do mundo, e tratá-las como realidades construídas e não como um resultado *a priori* e metafísico constitui a linha fundamental nos capítulos V e VI.

Mas, voltando à própria URSS, as fases históricas que a compõem são muito conhecidas (talvez mais de “orelhadas” e achismos do que leituras organizadas). O texto procura cobrir 75 anos em um só fôlego. As linhas mestras estão bem descritas, embora a Guerra Civil tenha sido pouco trabalhada. De fato, o livro todo poderia tratar apenas da guerra civil, que começa efetivamente em fevereiro de 1917 e só é oficialmente finalizada em 1926. Desse modo, abrangeria todo o período da Nova Política Econômica (NEP), que conduziu às experiências sociais e culturais dos mais variados tipos (exemplo do repensar todo o espaço geográfico em termos socialistas), assim como as lutas para criar um novo mundo industrial. Também seria incluído o conflito entre velha guarda revolucionária e os novos líderes formados já na burocracia e no aparato estatal. Vale lembrar, conforme apresentado no livro, que o número de membros do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) era reduzido ante a sociedade e o próprio aparato estatal, o que inevitavelmente levava à criação de uma burocracia que era ciosa de seus privilégios sob o manto de ideias revolucionárias.

Entre 1928 e 1929, Stalin esteve à frente dessa burocracia. Embora possa ser embaraçoso, os rios de tinta já escritos sobre o stalinismo jamais devem ser esquecidos, pois, para além das platitudes tão em voga, Stalin representa um momento na história que devemos compreender de forma segura e aprofundada. O capítulo IV descreve o período de forma a trazer dados e fatos para a análise, evitando generalizações. Entre 1929 e 1940 a sociedade soviética viveu um modelo de mudanças políticas bruscas, planos econômicos muito ambiciosos, aprendizado sobre o planejamento estatal em nível desconhecido até aquele momento, coletivização do campo, incertezas sociais, rupturas e censuras culturais e artísticas, além de muita repressão dos aparatos de controle do Estado.

A Segunda Guerra, assim como o papel central dos soviéticos nesse conflito, transformou toda essa sociedade, tanto pelos traumas e pelas gigantescas perdas humanas quanto pela conversão da URSS em potência militar mundial. Nesse momento ela precisava rivalizar com as demais potências e operar dentro da lógica nascente dos complexos industriais-militares. Nesse aspecto, Secco descreve corretamente o problema da produção militar ao lembrar que ela não levava à ampliação do acúmulo de riquezas, sendo um gasto sem retorno e com investimentos crescentes. A sociedade de consumo soviética não podia ser comparada à sociedade europeia ocidental, pois a centralização e a distribuição dos bens não estavam sob o domínio da competição ou do lucro; além disso, com a crescente ênfase na produção militar, a escassez de produtos se tornou ainda mais aguda. Como se vê, esses são fatores que iam muito além do stalinismo, do “degelo” e

de outras políticas. O caminho tomado após a morte de Stálin até Gorbachev não foi linear, e tampouco conseguiu reverter as tendências desagregadoras.

Por fim, a leitura do texto me foi pessoalmente agradável, pois os trabalhos de fôlego sobre a URSS ainda são escassos em português. A bibliografia aborda textos clássicos disponíveis em português, embora eu sinta falta das publicações em russo – não que isso seja uma falha do livro, pois os textos mais relevantes estão traduzidos –, mas ainda temos algumas lacunas. Um trabalho, sem dúvida, que referencia a própria militância política e acadêmica de Lincoln Secco.